



Entrevista com Neil Selwyn

Interview with Neil Selwyn
Entrevista con Neil Selwyn

GISELLE MARTINS DOS SANTOS FERREIRA¹

Neil Selwyn (página institucional: <https://research.monash.edu/en/persons/neil-selwyn>) é *Distinguished Professor* na Faculdade de Educação, Universidade de Monash, Melbourne, Austrália. Nos últimos 28 anos, ele tem pesquisado a integração de tecnologias digitais na escola, na universidade e na EJA, sendo mundialmente reconhecido como líder na área dos Estudos Críticos da Educação e Tecnologia.

Neil já conduziu pesquisas financiadas sobre tecnologia digital, sociedade e educação para diversas agências na Austrália e na Europa, e atua regularmente como palestrante (*keynote speaker*) em congressos internacionais. Também trabalha junto a organizações internacionais, incluindo a ONU, Unesco, OCDE e o Conselho Europeu. Neil produz e atua como anfitrião do *podcast Meet the Education Researcher* (<https://soundcloud.com/eetheductionresearcher>) e mantém o *blog Critical Studies of Education and Technology* (<https://criticaledtech.com/>).

Uma amostra limitada de seu trabalho foi publicada em português, incluindo: “O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido” (revista *Educação e Sociedade*, 2008, disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nYFkRnh3SLHWGLbTYQ7bVLf/?lang=pt>); “Educação e Tecnologia: questões críticas”, 2017, capítulo de livro bilíngue disponível em: <https://ticpe.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/04/ebook-ticpe-2017.pdf>); “Panorama dos Estudos Críticos em Educação e Tecnologias Digitais” (capítulo do livro *Diálogos sobre Tecnologia Educacional: educação, linguística, mobilidade e práticas translingues*, 2017); “O que queremos dizer com educação e tecnologia” (capítulo do livro *Education and Technology: key questions*, 2011, em tradução de 2016 disponível em: https://ticpe.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/12/neil_selwyn_keyquestions_cap1_trad_pt_final1.pdf); “Tecnologia Educacional como

¹ Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8498-5390>. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Educação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Ideologia (capítulo do livro *Distrusting Educational Technology*, 2014, em tradução de 2016 disponível em: https://ticpe.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/12/neil_selwyn_distrusting_cap2_trad_pt_final.pdf).

A entrevista foi realizada por e-mail no mês de agosto de 2024, com questões postas pela Profa. Giselle Ferreira, PUC-Rio. Esta tradução foi preparada também pela professora Giselle e revisada pela Profa. Mirna Juliana Fonseca, PUC-Rio.

Neil, muito obrigada por ter aceitado nos conceder esta entrevista. É uma honra e um prazer podermos trazer algo de sua experiência, ideias e preocupações para o público lusófono.

Suas pesquisas e escritos têm abordado diversas questões relacionadas à educação e tecnologia em uma variedade de situações. Você poderia nos contar um pouco sobre sua formação e como se tornou uma voz de destaque na área de Estudos Críticos de Educação e Tecnologia?

Neil: Suponho que segui um caminho pouco convencional na pesquisa em educação e tecnologia. Nunca fui professor nem trabalhei em escola. Nunca trabalhei na formação de professores. Nunca me interessei particularmente por questões pedagógicas ou da aprendizagem. Não tenho um desejo sincero de ajudar os professores a “explorarem a potência” da tecnologia (uma expressão popular da EdTech²), e certamente não acredito que a tecnologia seja inequivocamente uma “coisa boa”. Isso me diferencia de muitos outros pesquisadores da educação. Fui treinado como pesquisador em Ciências Sociais e fui direto para a pesquisa em Ciências Sociais depois de me formar. Então, passei toda a minha carreira pesquisando tecnologia, educação e sociedade.

O meu interesse inicial – e a minha formação inicial – foi em Política, Sociologia e Educação, e eu estava interessado primordialmente em questões relativas a políticas públicas. E no momento de escolher um tema para o meu doutoramento, em meados da década de 1990, a *web* estava apenas emergindo, os computadores estavam sendo propriamente introduzidos nas salas de aula, e pensei que esta poderia ser uma área interessante para olhar em termos da política e da micropolítica da educação... E aqui estou, 30 anos depois, ainda ponderando as mesmas questões, mas com tecnologias muito diferentes.

2 N.T.: Termo do inglês composto por aglutinação das palavras *educational e technology*. A tradução mantém seu uso em conformidade com apropriações já presentes na literatura em português.

Penso que o que manteve o meu interesse por tecnologia digital e educação é por esse ser um espaço no qual se pode fazer muitas perguntas diferentes sobre a educação – tudo, desde a economia política, passando pela experiência vivida das pessoas ou por questões de desigualdade, injustiça e estruturas da educação. Assim, é um tema infinitamente fascinante de se investigar e tem se tornado cada vez mais importante nos últimos 30 anos – e é por isso que não segui outra direção nem olhei para mais nada.

Em retrospecto, lembrando das pesquisas desenvolvidas durante o tempo em que você se interessou pela tecnologia educacional, você identificaria continuidades e descontinuidades históricas? Poderia falar sobre como esse conhecimento pode estar construindo bases para pesquisas futuras?

Neil: A pesquisa desenvolveu-se muito nos últimos 30 anos em que estive envolvido com tecnologia educacional. Em termos da vertente de pesquisa em tecnologia educacional mais conhecida, quando comecei, na década de 1990, a pesquisa era predominantemente realizada por entusiastas da tecnologia que tentavam provar o valor de se ter tecnologia na educação. Por exemplo, as pessoas consideravam muito estranho que eu estivesse pesquisando computadores nas escolas quando eu mesmo não achava que eles fossem particularmente benéficos.

Assim, tenho me referido à investigação dominante no campo nas décadas de 1990, 2000 e mesmo na década de 2010, como um “projeto positivo”. Em outras palavras, aquelas eram pessoas que acreditavam nos benefícios potenciais – e, particularmente, nos benefícios de aprendizagem – de se ter tecnologia na educação, e que estavam tentando provar como uma determinada tecnologia poderia apoiar, melhorar ou mesmo levar a melhores resultados de aprendizagem. No entanto, mais recentemente, penso que a pesquisa convencional em tecnologia educacional se tornou muito mais matizada e levanta novas questões sobre os aspectos problemáticos das tecnologias digitais em contextos educacionais. Além de algumas Polianas obstinadas, as contribuições para revistas como *Computer & Education* e *British Journal of Educational Technology* estão, no geral, muito mais cautelosas.

E, claro, em termos de Estudos Críticos da Educação e Tecnologia, também tenho visto mudanças. Na década de 1990, estávamos bastante interessados em analisar as desigualdades – particularmente em termos de desigualdades de acesso e de oportunidades. Assim, a investigação sobre a exclusão digital durante as décadas de 1990 e 2000 foi muito importante. Essa questão continua a ser importante na década de 2020, mas a natureza e a dinâmica do que significa ser digitalmente excluído ou em situação de inclusão excludente mudou imensamente. Durante a década de 2010, assistimos a um interesse crescente na economia política e no aspecto comercial da

tecnologia educacional, e isso decolou de muitas maneiras agora na década de 2020, à medida que o impacto da plataformação, da datificação e das *Big Techs* se torna mais aparente.

Outra tendência na literatura crítica sobre tecnologia educacional nos últimos cinco anos, sobre a qual escrevi recentemente de maneira um pouco mal-humorada – embora eu mesmo tenha feito algumas dessas pesquisas –, é a de focar em imaginários sociotécnicos e outras formas orientadas para o futuro pelas quais a tecnologia está sendo comercializada pela indústria de TI, governos e consultorias como meio para mudar, transformar e revolucionar a educação.

Esse tipo de crítica tem o seu lugar, mas podemos facilmente nos distrair com o que Lee Vincel chama de “*criti-hype*” – quando começamos a ficar obcecados com o *hype*³ produzido pela indústria e pelos formuladores de políticas, e não prestamos atenção no que realmente está acontecendo. E ao criticar o *hype* em torno da tecnologia educacional, estamos, na verdade, lhe dando mais credibilidade.

Portanto, em vez de olhar para o que a indústria e os formuladores de políticas estão tentando nos dizer que vai acontecer, é muito mais importante olhar para as realidades vividas, confusas e verdadeiras do uso da tecnologia e da educação – os problemas da vida real e os pontos fracos que as pessoas realmente enfrentam. Por exemplo, se você é um estudante ou funcionário envolvido em protestos no campus devido à guerra em Gaza, como é que a infraestrutura tecnológica da sua universidade tem sido usada para vigiar, monitorar e suplantar as suas ações? Se você é parte de uma família de baixa renda, quais são as realidades da aprendizagem on-line ou da realização das atividades acadêmicas em ambientes virtuais? Tenho tendência a continuar a dizer isto, mas precisamos criticar o “estado da realidade” e não o “estado da arte”.

Um último tópico de investigação emergente para a comunidade dos Estudos Críticos da Educação e Tecnologia é o enorme fardo ambiental da tecnologia educacional e como formas excessivas de tecnologia educacional se articulam com a crise climática. Essa é a questão primordial da próxima década e além. Não podemos falar sobre tecnologia educacional sem colocar as questões ambientais no centro da nossa crítica.

Durante muitos anos, você foi um dos poucos autores que abordou a tecnologia educacional a partir de uma perspectiva menos entusiasmada. Os Estudos Críticos da Educação e Tecnologia são hoje uma área em expansão, mas a formulação de políticas em muitos lugares, incluindo o Brasil, ainda é predominantemente impulsionada por ideias solucionistas e salvacionistas. De que forma você acha que uma visão mais “desconfiada” (para usar uma palavra do título de um de seus livros) da tecnologia educacional poderia contribuir para o desenvolvimento de políticas mais produtivas (e com menos desperdício) para a tecnologia na educação?

Neil: A área dos Estudos Críticos da Educação e Tecnologia está em expansão, mas os formuladores de políticas continuam a ignorá-la e, de certa maneira, entendendo por que fazem isso. Ninguém precisa de estudos críticos da tecnologia educacional. Ninguém precisa de qualquer forma de pesquisa educacional acadêmica. Além disso, os formuladores de políticas estão trabalhando em linhas muito diferentes das dos pesquisadores acadêmicos. Eles podem funcionar perfeitamente sem se preocupar com as formas nas quais a EdTech se articula com uma análise deleuziana de sociedades do controle.

Lembro de um projeto sobre elites das políticas de 20 anos atrás, no qual conversei com alguns assessores do governo britânico e, depois que lhes expliquei meu projeto de educação crítica, eles olharam diretamente para mim e disseram: “Não somos estúpidos – todos temos diplomas da Universidade de Cambridge em Filosofia, Política e Economia. Estamos a par dos problemas, mas estamos fazendo algo muito diferente”. E assim, penso que, para pesquisadores em Estudos Críticos da Educação e Tecnologia realmente terem algum impacto na consciência de formuladores de políticas, precisamos encontrá-los no meio do caminho. Acho que precisamos pensar cuidadosamente sobre o que os formuladores de políticas estão tentando fazer – quais suas preocupações e “pontos sensíveis”. Precisamos nos encaixar nos cronogramas com os quais os formuladores de políticas trabalham, que, com frequência, são muito diferentes dos acadêmicos – e precisamos trabalhar de modo a oferecer aconselhamento e argumentos utilizáveis com os quais possam trabalhar.

Tenho visto formuladores de políticas nos últimos dez anos que estão genuinamente interessados em muitas das questões levantadas por pesquisadores críticos da tecnologia educacional, mas você tem que apresentar seu trabalho de forma deliberada e focalizada. Atores em espaços de formulação de políticas – especialmente aqueles que trabalham em organizações como a Unesco, a União Europeia, Education International e outras – estão muito interessados em falar sobre desigualdades digitais, sobre-comercialização de produtos da EdTech e regulamentação de dados. Mas para manter sua atenção, acadêmicos críticos precisam encontrar esses atores no meio caminho. Assim, se formuladores de políticas estão particularmente interessados

em questões relativas à proteção de dados, então, mesmo que a datificação remeta a outros problemas, temos que começar a conversa com questões de proteção de dados e gradativamente dirigir a discussão para outro terreno, enquanto sugerimos ideias possíveis, em vez de apenas apontar para problemas. Eu não diria que pesquisadores críticos precisam fingir estarem, de alguma forma, evocando “soluções”, mas certamente precisamos fazer mais do que apontar problemas, indicando caminhos tangíveis e atraentes. Quando trabalhamos dessa forma, penso que podemos influenciar formuladores de políticas. Porém – como sugeri anteriormente –, isso não envolve tagarelar sobre pós-estruturalismo e realismo agencial.

Você vislumbra formas específicas nas quais a pesquisa crítica possa ser mais amplamente disseminada e “impactante” na indústria da tecnologia ou junto a educadores?

Neil: Definitivamente é importante pensar sobre como a pesquisa crítica pode ser útil e utilizável em ambientes de desenvolvimento de tecnologia ou onde a tecnologia está de fato sendo utilizada na educação. Então, há algumas outras áreas de pesquisa e engajamento pelas quais me interesso bastante.

Primeiramente, penso que há oportunidades genuínas para nos conectarmos mais com o pessoal que trabalha na indústria da EdTech e com a comunidade da tecnologia. Então, trabalhar com pessoas de empresas de tecnologia, penso, é possível. Há pessoas com mentes fortemente críticas trabalhando até nas maiores corporações de tecnologia, que têm alguma forma de influência e poder sobre o que acontece na empresa. De fato, a indústria da EdTech emprega muitos ex-professores e educadores para promover seus produtos. Assim, penso que há um grupo de ex-professores trabalhando nas empresas de tecnologia com os quais certamente a EdTech crítica pode se articular.

Além disso, há oportunidades boas de se trabalhar com professores e educadores “no chão da escola”. Aqui, venho falando muito sobre o trabalho de Marie Heath e colegas na rede *Civics of Technology*⁴, que são um grupo interessante nos EUA trabalhando com formadores de professores e professores no sentido de encorajá-los a refletir mais criticamente e agir de formas mais resistentes em seus engajamentos com a tecnologia em sala. Então, se continuarmos a fomentar iniciativas como essa, penso que a EdTech crítica pode claramente ter um impacto.

⁴ N.T.: Literalmente, “educação cívica da tecnologia”; disponível em: <https://www.civicsoftechnology.org/>.

No Brasil, temos acompanhado o crescimento de um mercado considerável de “formações” para a “integração” de tecnologia digital em sala de aula, oferecidas por grandes conglomerados tecnológicos e multinacionais com influência considerável nos espaços de formulação de políticas. Temos também um número crescente de “edu-businesses” sob a forma de pequenas startups nacionais que procuram vender suas “soluções” ao sistema de ensino público, especialmente a educação básica. Isto é apenas parte da história, mas gostaria de saber se você poderia comentar sobre possíveis padrões e preocupações compartilhadas em relação ao que você pode ter visto em outros lugares.

Neil: Acho interessante pensarmos cuidadosamente sobre os atores que trabalham com educadores no espaço da tecnologia. E embora possamos ser atraídos pelas grandes empresas de tecnologia educacional e pelos esforços educativos das *Big Techs*, há uma série de intermediários muito importantes em nível local aos quais realmente precisamos prestar mais atenção. Então, tenho certeza de que, no Brasil, você tem, como você disse, um mercado significativo para desenvolvimento profissional em EdTech, consultoria e defesa. Estou vendo isso em todo o mundo – uma onda de empresas e consultores locais, bem como professores que procuram ganhar espaço como influenciadores e quase-consultores. Há todo um ecossistema que, acho, precisa ser examinado e criticado, com o qual talvez seja possível trabalhar.

Este nível local de *edu-business* e *edu-prenuer* está se revelando muito influente em termos de aconselhamento de escolas e universidades, de venda de coisas a escolas e universidades, criando expectativas sobre a forma como essas tecnologias podem ser utilizadas. E penso que alguns desses atores estão atuando em serviços de aconselhamento e *advocacy* às escolas, basicamente porque acreditam que estão ajudando o setor a fazer o melhor uso da tecnologia. Eles acreditam genuinamente que a tecnologia pode ser usada para melhorar a aprendizagem e ajudar as escolas. E acho que é possível trabalhar com esse tipo de consultor, esse tipo de empresa, esse tipo de indivíduo. Por outro lado, definitivamente há atores agindo de má-fé – interessados apenas no dinheiro, no lucro, tentam forçar “soluções” técnicas em escolas e universidades sem nenhuma preocupação com as consequências imprevistas ou os efeitos colaterais. E penso que esse pessoal precisa ser identificado e “criticado”.

Assim, concordo com a questão – não deveríamos focalizar nossa atenção apenas na Google, na Microsoft, na Kahn Academy e nas Byjus do mundo. Há um número crescente de *edu-businesses* locais e regionais que precisam ser mais investigados. Há algum trabalho interessante no sentido de mapear essas redes em países como a Índia. Então, a abordagem é algo que a comunidade crítica da EdTech pode definitivamente levar adiante no futuro.

Não dá para evitarmos o “elefante na sala” para qualquer um seriamente interessado na educação: o “impacto” (sem esquecer da crítica de Winner a essa metáfora) da IA na profissão docente. Você sugeriu, em outra ocasião, que precisamos olhar para efeitos reais da IA, certamente indo além da futurologia. Nesse sentido, quais as suas principais preocupações com relação à IA na educação?

Neil: A IA é um elefante na sala muito tedioso. É a única coisa sobre a qual as pessoas querem falar no momento. É profundamente frustrante para aqueles de nós que vêm estudando a EdTech por mais de cinco anos. Entretanto, penso que precisamos nos engajar na conversa sobre a IA, porque é por ela que podemos fazer alguma diferença no momento. Porém, também acho que precisamos tocar a conversa adiante. A bolha em torno da IA generativa começa a se romper, começa a não entregar suas promessas e não mostrar sinais de lucratividade. Então, já estamos vendo atores que investiram na IA generativa começando a recuar. Com isso, penso que precisamos forçar essa conversa em torno da IA na educação a olhar para além da bolha atual, a pensar, em vez disso, sobre o que restará quando a bolha tiver arrebentado, e pensar, também, sobre o que realmente poderíamos querer.

E, para mim, acho que produtos independentes como ChatGPT, Claude e Dall·E são uma distração. Acho que a IA que restará quando esses produtos desaparecerem será a IA incorporada em todos os *softwares* e plataformas mundanos do dia a dia dos quais agora dependemos totalmente. Assim, já estamos vendo o CoPilot ser incorporado às familiares ferramentas do Office. Estamos vendo a IA sendo integrada a LMS (*Learning Management Systems*) para tomar decisões automatizadas e promover ações automatizadas que não serão necessariamente vistas por professores ou alunos como “usos” de IA. Na verdade, a ideia de a IA ser “usada por” alunos e professores não ajuda – precisamos nos preocupar muito mais com a forma como está sendo “usada nos” alunos e professores.

Então, acho que precisamos pensar sobre como a IA está sendo integrada nos bastidores de contextos educativos e pensar criticamente sobre as consequências de viver, trabalhar, aprender e ensinar em ambientes educativos cada vez mais automatizados. Existem alguns benefícios prováveis, tenho certeza. Mas, como pesquisador crítico em educação, também estou interessado nos aspectos negativos. E as coisas que me preocupam neste momento sobre IA e educação são coisas sobre as quais muitas pessoas escrevem há muito tempo. Estas não são preocupações novas! Mas, por exemplo, precisamos fazer mais perguntas sobre o que não pode ser quantificado, medido, monitorizado, modelado e, portanto, automatizado numa sala de aula. Acho que essa é uma questão importante, e há muitas coisas em qualquer situação educacional que não podem ser datificadas e processadas por algoritmos e, portanto, não podem ser automatizadas. Existem também questões claras relacionadas à falta

de responsabilização, sobretudo em termos de tomadas de decisão automatizadas. Quando uma tecnologia toma uma decisão na sala de aula, quem é o responsável? No momento, suspeito que o professor que está na sala de aula é nominalmente responsável. Mas será que esse professor está ciente de que é responsável? Então, acho que essa é uma questão muito importante.

Além disso, agora, as pessoas estão falando muito sobre ir além das questões de “ética da IA” ou “segurança da IA” e, em vez disso, falar sobre danos, o que considero uma mudança importante de registro – ou seja, as formas pelas quais as tecnologias educativas constituem uma desvantagem substantiva ou diferença discriminatória nas experiências cotidianas de educação das pessoas. Então, acho que precisamos conversar sobre danos, mas estou realmente interessado no trabalho de Nathalie DiBerardino e Luke Stark, que escreveram recentemente sobre a necessidade de passarmos da conversa sobre erros da IA para tratar dos danos da IA – ou seja, o fato de que muitas das desvantagens decorrentes do uso da IA são moralmente injustificáveis. Então, acho que se começarmos a falar em linguagem, como erros e danos da IA, em vez de ética ou segurança da IA, isso nos levará a mais questões políticas, de poder, desvantagem, opressão e discriminação, em vez dessas discussões muito áridas que você pode ter sobre ética, transparência ou justiça. Na verdade, limitar a discussão apenas a questões de ética, transparência, justiça ou segurança da IA está se revelando perigoso, porque são coisas que podem ser codificadas como problemas para os quais os tecnólogos podem desenvolver “soluções” técnicas, prometendo que a sua tecnologia está agora concebida para não ser tendenciosa ou injusta. Em vez disso, deslocar a conversa para questões de erros e danos tangíveis da IA, eu acho, realmente atinge o cerne da questão.

Então, todas essas coisas são importantes. Mas como você perguntou quais são as minhas principais preocupações em relação à IA na Educação (IAED), gostaria apenas de terminar dizendo que é interessante quando falamos de IA na educação, porque acho que a comunidade acadêmica da IAED – que existe há 30, 40 anos – se vê como muito diferente dos atores comerciais da IAED que entraram nesse espaço nos últimos cinco anos. Se você conversar com acadêmicos que têm trabalhado em IA e educação, eles acham que quaisquer críticas que alguém como eu possa fazer não têm nada a ver com seu trabalho acadêmico, mas decorrem da maneira como os atores comerciais e a indústria estão desenvolvendo produtos de IA. Se for esse o caso, então realmente precisamos que a comunidade acadêmica da IAED se pronuncie com mais força e resista, ela mesma. Quando um pesquisador crítico da tecnologia educacional diz alguma coisa, muitas vezes você recebe a resposta usual de que: “Você nunca desenvolveu IA, você não sabe nada sobre a tecnologia”, o que é claramente

um argumento de má-fé, mas ajudaria se a comunidade educacional que construiu sistemas de IA também começasse a se manifestar e a contestar alguns dos piores efeitos do uso dessa tecnologia na educação.

Talvez mais importante ainda, a comunidade acadêmica da IAED também pudesse trabalhar conosco para começar a promover diferentes formas de desenvolvimento da IA – formas mais benéficas em termos educativos, mas também menos discriminatórias, mais empoderadoras, e formas nas quais a IA pode ser usada para apoiar a educação como um bem público. Portanto, não desqualifico completamente a comunidade acadêmica IAED, mas acho que precisa se envolver com as maneiras nas quais seu trabalho em torno da IA está realmente sendo utilizado na educação e buscar maneiras de trabalhar junto a acadêmicos críticos da EdTech, em vez de se colocarem uns contra os outros.

SOBRE O ENTREVISTADOR

Giselle Martins dos Santos Ferreira

Pós-Doutora em Educação (Open University do Reino Unido, 2007-2008; 2014), Doutora em Música (University of York, Inglaterra, 2001; bolsista Capes), Mestre em Educação (Open University do Reino Unido, 2006), Mestre em Engenharia Elétrica (PUC-Rio, 1993; bolsista Capes), Bacharel em Música (Conservatório Brasileiro de Música, 1989), Bacharel em Engenharia Elétrica (UERJ, 1987). Membro da British Higher Education Academy (HEA) desde 2001. Fellow da European Distance and e-Learning Network, EDEN, desde 2021. Entre 1998 e 2012, foi Professora-Pesquisadora na Open University do Reino Unido, onde também atuou como Professora-Tutora em diversos módulos de graduação (1998 a 2001), Professora Associada no Mestrado em Música (2003-2005) e Pesquisadora Visitante na Faculdade de Matemática, Computação e Tecnologia (2012-2016). Participou da implantação do primeiro curso on-line oferecido pela instituição (1998-2001), bem como do estágio de implantação (2006-2008) do projeto OpenLearn. Foi pesquisadora financiada pela HEA 2008-2011. Entre 2011 e 2018, atuou como Professora Adjunta no PPGE/UNESA, onde foi Coordenadora Adjunta (2014-2016) e líder do Grupo de Pesquisas Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais, TICPE. Atualmente, é professora Adjunta II no Departamento de Educação da PUC-Rio, onde atuou como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação de abril de 2022 a março de 2024. Desde janeiro de 2020, é uma das editoras-gerentes da revista “Educação Online”. Estabeleceu e coordena o Grupo de Pesquisas Discursos da Educação e Tecnologia, DEdTec.

E-mail: gmdsferreira@gmail.com

Recebido em: 21/08/2024

Aprovado em: 27/09/2024